REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

VARIAÇÃO NA COLOCAÇÃO PRONOMINAL EM CONTEXTO ESCOLAR: EVIDÊNCIAS DO PORTUGUÊS MOÇAMBICANO

VARIATION IN PRONOUN PLACEMENT IN A SCHOOL CONTEXT: EVIDENCE FROM MOZAMBICAN PORTUGUESE

VARIACIÓN EN LA COLOCACIÓN DE PRONOMBRES EN UN CONTEXTO ESCOLAR: EVIDENCIA DEL PORTUGUÉS MOZAMBIQUEÑO

Maimeri Carlos de Morais[1], Valéria Viana Sousa[2]

e747553
https://doi.org/10.47820/recima21.v7i4.7553

PUBLICADO: 04/2026

RESUMO

Este artigo tem como objetivo descrever e analisar a variação na colocação pronominal no contexto escolar moçambicano, mostrando características próprias do Português de Moçambique. Do ponto de vista teórico-metodológico, este estudo ancora-se na Teoria da Variação e Mudança Linguística de (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]). A partir de dados produzidos por estudantes, observa-se a predominância da próclise em diferentes contextos sintáticos, muitas vezes em desacordo com a norma-padrão europeia. Os resultados indicam que essas ocorrências não configuram erros, mas refletem processos de variação e mudança linguística influenciados por fatores socioculturais e identitários, contribuindo para o reconhecimento do Português Moçambicano como uma variedade legítima no espaço escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Português Moçambicano. Colocação Pronominal. Variação Linguística. Contexto Escolar.

ABSTRACT

This article aims to describe and analyze the variation in pronoun placement in the Mozambican school context, showing characteristics specific to Mozambican Portuguese. From a theoretical-methodological point of view, this study is grounded in the Theory of Linguistic Variation and Change proposed by Weinreich, Labov and Herzog (2006 [1968]). Based on data produced by students, the predominance of proclisis is observed in different syntactic contexts, often in disagreement with the European Portuguese standard norm. The results indicate that these occurrences do not constitute errors but reflect processes of linguistic variation and change influenced by sociocultural and identity factors, contributing to the recognition of Mozambican Portuguese as a legitimate variety in the school environment.

KEYWORDS*: Mozambican Portuguese. Pronoun Placement. Linguistic Variation. School.*

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo describir y analizar la variación en la colocación de pronombres en el contexto escolar mozambiqueño, mostrando características específicas del Portugués Mozambiqueño. Desde un punto de vista teórico-metodológico, este estudio se basa en la Teoría de la Variación y el Cambio Lingüístico (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]). Según datos aportados por estudiantes, se observa el predominio de la proclisis en diferentes contextos sintácticos, a menudo en desacuerdo con la norma estándar europea. Los resultados indican que

[1] Mestranda em Linguística. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).
[2] Doutora em Letras. Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

estas ocurrencias no constituyen errores, sino que reflejan procesos de variación y cambio lingüísticos influenciados por factores socioculturales e identitarios, lo que contribuye al reconocimiento del Portugués Mozambiqueño como una variedad legítima en el entorno escolar.

PALABRAS CLAVE: Portugués Mozambiqueño. Colocación de pronombres. Variación lingüística. Contexto escolar.

INTRODUÇÃO

A colocação dos pronomes clíticos no Português constitui um dos domínios gramaticais em que a variação linguística se manifesta de forma particularmente produtiva, sobretudo na alternância entre próclise e ênclise. Embora a tradição normativa privilegie determinadas posições, estudos têm demonstrado que o uso efetivo da língua, especialmente em contextos de oralidade e de escrita escolar, revela padrões variáveis condicionados por fatores linguísticos e extralinguísticos. Nesse sentido, a análise da colocação pronominal em contexto escolar configura-se como um espaço privilegiado para observar as tensões entre norma e uso.

No Português Moçambicano, essa questão assume relevância adicional, por se inserir em um cenário sociolinguístico marcado pelo contato de línguas e pela pluralidade de normas, em um espaço no qual a escola desempenha papel central na difusão do Português. As produções orais e escritas de alunos do Ensino Médio refletem, assim, tanto o ensino formal quanto práticas de uso vinculadas à variedade local.

Fundamentado nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista Laboviana (Labov, 2008 [1972]), este artigo analisa a variação na colocação pronominal em produções orais e escritas de alunos do Ensino Médio em contexto escolar moçambicano, com o objetivo de identificar os padrões de uso da próclise e da ênclise e os fatores que condicionam essa variação. Os dados foram coletados na Escola Secundária Geral do 1° e 2° ciclos de Mocuba, na província da Zambézia, e integram uma pesquisa comparativa mais ampla entre o Português de Moçambique e o Português do Brasil, embora este trabalho se concentre exclusivamente no recorte moçambicano.

Ao focalizar a colocação pronominal em produções de alunos, o estudo contribui para a descrição do Português Moçambicano e para a reflexão sobre o ensino da gramática em contextos marcados pela variação linguística, reforçando a centralidade do uso real da língua na formação dos estudantes.

Nesta pesquisa, adota-se uma abordagem quali-quantitativa para analisar a variação na colocação pronominal (ênclise e próclise) em produções de alunos do ensino médio de Moçambique. O *corpus* é composto por 20 (vinte) produções, sendo 10 (dez) produções orais e 10 (dez) produções escritas, equilibradas quanto ao sexo dos participantes. As produções orais foram obtidas por meio de entrevistas gravadas e, posteriormente, transcritas; enquanto as produções escritas correspondem a redações realizadas em sala de aula. Para análise desse material, foram

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

considerados fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam o uso da próclise e da ênclise.

Para alcançar o propósito desta investigação, este artigo, após a *Introdução*, encontra-se estruturado da seguinte forma: inicialmente, em busca de uma contextualização sobre a realidade sociolinguística do país e sobre a teoria utilizada para a pesquisa, trazemos, respectivamente, as seções *Contexto Sociolinguístico de Moçambique* e *Considerações Teóricas sobre a Colocação Pronominal*. Na sequência, apresentamos a *Metodologia* e a *Análise de Dados* da pesquisa; e, por fim, expomos as *Considerações Finais*, seguidas das *Referências* utilizadas para esta discussão.

CONTEXTO SOCIOLINGUÍSTICO DE MOÇAMBIQUE

Moçambique caracteriza-se por um contexto sociolinguístico marcado pelo multilinguismo, com a coexistência de numerosas línguas Bantu e do Português, sendo que, antes da colonização, as línguas autóctones ocupavam papel central na organização social, cultural e educativa, com a transmissão predominantemente oral de saberes entre gerações.

Com a colonização portuguesa, o Português foi imposto como língua de administração e escolarização, com a educação formal restrita a uma elite e controlada pelo poder colonial, o que resultou em elevados índices de analfabetismo e exclusão social (Gonçalves, 2001). Nesse contexto, o domínio do Português tornou-se critério de cidadania e assimilação cultural, enquanto as línguas Bantu foram sistematicamente desvalorizadas (Chiziane; Martins, 2018)

A escola colonial, especialmente sob a responsabilidade das missões católicas, desempenhou papel central na difusão da Língua Portuguesa e na promoção de uma educação voltada à “nacionalização e moralização dos indígenas”, conforme previsto no Estatuto Missionário, funcionando como um mecanismo de controle cultural e econômico (Pereira, 2000). As línguas autóctones eram vistas como inferiores e incapazes de cumprir funções consideradas próprias das “nações modernas”, o que reforçou o preconceito linguístico e a marginalização das culturas locais (Zamparoni, 1998; Timbane, 2013).

Após a independência, em 1975, o Estado moçambicano adotou o Português como língua oficial, opção política justificada pela necessidade de unidade nacional em um país plurilíngue. Para a maioria da população, entretanto, o Português permaneceu como segunda língua, coexistindo com as línguas Bantu, que continuam a desempenhar papel fundamental na vida cotidiana (Gonçalves, 2001). Essa escolha evidencia a complexa dinâmica entre dependência linguística e dominação política no contexto africano pós-colonial (Mazrui, 2010).

Em comparação com outros territórios colonizados por Portugal, a difusão do Português em Moçambique foi mais lenta, em função de fatores históricos, sociais e econômicos, como a resistência cultural e a diversidade linguística (Brandão, 2018). Ainda assim, o Português consolidou-se como língua de prestígio e de comunicação intercultural em diferentes regiões da África e da Ásia (Mateus, 2008).

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Após a independência, em 1975, a FRELIMO[1] propôs a reformulação do currículo escolar, com o objetivo de romper com o legado colonial e adequar o ensino à nova realidade sociopolítica do país (Bavo; Coelho, 2022).

No período pós-independência, o governo da FRELIMO atribuiu à educação, à língua e à cultura um papel central na construção do novo Estado-nação, embora persistissem práticas curriculares herdadas do período colonial (Gómez, 1999; Mazula, 1995). Progressivamente, passaram a ser desenvolvidas políticas linguísticas voltadas ao reconhecimento e à valorização das línguas moçambicanas, com destaque para a introdução da educação bilíngue e para o fortalecimento dos estudos acadêmicos sobre as línguas bantu, impulsionados por instituições como a Universidade Eduardo Mondlane, o NELIMO[2] e o INDE[3] (Ngunga; Faquir, 2012; Ponso, 2016).

A partir dos anos 2000, a implementação oficial da educação bilíngue em línguas moçambicanas e em Português reforçou o reconhecimento da diversidade linguística do país (Patel, 2006 *apud* Ponso, 2016). Paralelamente, os dados censitários revelam um crescimento significativo do número de falantes de Português como língua materna ou segunda língua, resultado da expansão do acesso à educação formal, ainda que as línguas Bantu continuem a ocupar um lugar central na identidade sociocultural moçambicana (Chimbutane, 2022).

CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE A COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Esta seção apresenta as principais considerações teóricas sobre a colocação pronominal, articulando diferentes perspectivas de análise e descrevendo o comportamento dos clíticos em distintas variedades do Português. Inicialmente, discutem-se os pressupostos da tradição gramatical e das abordagens descritivas, indicando o contraste entre a perspectiva normativa e a visão variacionista do fenômeno. Em seguida, são examinados estudos empíricos sobre a colocação pronominal no Português Europeu contemporâneo, no Português Brasileiro e em variedades africanas do Português, com o objetivo de compreender como fatores linguísticos, sociais e históricos condicionam a variação e a mudança na ordem dos pronomes átonos. A apresentação de estudos sobre o Português Brasileiro, neste trabalho, justifica-se pela necessidade de uma perspectiva comparativa, uma vez que essa variedade possui um sistema de colocação pronominal amplamente descrito e marcado pela predominância da próclise, permitindo identificar aproximações e diferenças em relação ao Português Moçambicano.

As gramáticas tradicionais do Português, a exemplos de Bechara (2009 [1928]), Rocha Lima (2011 [1972]) e Cunha e Cintra (2017 [1985]), tratam a colocação dos pronomes átonos sob

[1] FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique).
[2] NELIMO (Núcleo de Estudos de Línguas Moçambicanas).
[3] INDE (Instituto Nacional de Desenvolvimento e Educação).

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

uma perspectiva normativa, distinguindo três posições possíveis em relação ao verbo: próclise, ênclise e mesóclise. Nessa tradição, a ênclise é frequentemente considerada a posição básica em orações com verbo finito, enquanto a próclise ocorre em contextos específicos, como orações negativas, interrogativas, subordinadas e em construções com determinados advérbios ou pronomes. A mesóclise, por sua vez, é geralmente restrita a contextos formais e a formas verbais no futuro do presente ou do pretérito.

Diante disso, podemos considerar que, a rigor, na Tradição Gramatical, a colocação dos pronomes átonos é tratada principalmente como um conjunto de regras associadas à norma culta escrita, privilegiando a ênclise como posição de referência e delimitando contextos específicos para a ocorrência da próclise.

As gramáticas descritivas, por outro lado, afastam-se dessa perspectiva normativa ao priorizarem a observação dos usos efetivos da língua e ao reconhecerem a variação como parte constitutiva do sistema linguístico. Autores como Perini (2005), Castilho (2014) e Neves (2018) defendem que a colocação pronominal deve ser analisada a partir de dados empíricos, considerando fatores estruturais, históricos, prosódicos e socioculturais que condicionam a distribuição dos clíticos.

Perini (2005) destaca diferenças relevantes entre o Português Brasileiro e o Português Europeu quanto à posição dos pronomes átonos, apontando o enfraquecimento progressivo da ênclise no Português Brasileiro e a crescente preferência pela próclise na fala e na escrita. Castilho (2014), ao discutir mudanças históricas na sintaxe do Português, também evidencia a maior produtividade da próclise no Português Brasileiro, interpretando essa tendência como resultado de processos de mudança linguística. Neves (2018), por sua vez, chama atenção para o conflito entre norma e uso ao tratar a colocação dos clíticos como um dos domínios mais sensíveis da gramática do Português, no qual fatores prosódicos, discursivos e socioculturais influenciam as escolhas dos falantes.

A COLOCAÇÃO PRONOMINAL NO PORTUGUÊS EUROPEU CONTEMPORÂNEO

Estudos empíricos sobre o Português Europeu contemporâneo também demonstram que a colocação pronominal constitui um fenômeno variável. Vieira (2002), ao analisar dados do Corpus de Referência do Português Contemporâneo (CRPC) e de textos jornalísticos, identificou uma distribuição relativamente equilibrada entre próclise e ênclise em lexias verbais simples, tanto na oralidade quanto na escrita. Os resultados indicam que fatores linguísticos, como a presença de operadores de próclise, a subordinação e a proximidade entre o elemento atrator e o clítico, desempenham papel relevante na escolha da variante.

Em estudo posterior, Vieira (2016) confirma que, no Português Europeu contemporâneo, a colocação pronominal funciona como uma regra variável.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Os dados mostram que a ênclise é categórica apenas em início absoluto de oração, enquanto, nos demais contextos, há alternância sistemática entre próclise e ênclise. Elementos tradicionalmente considerados proclisadores, como partículas de negação, conjunções subordinativas e operadores de foco, favorecem a próclise, embora seu efeito não seja categórico.

A COLOCAÇÃO PRONOMINAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

No Português Brasileiro contemporâneo, diversos estudos apontam para a predominância da próclise. Peterson (2010), ao analisar cartas de leitores publicadas em jornais de diferentes perfis editoriais, verificou que a próclise constitui a variante majoritária em lexias verbais simples, com percentuais que variam conforme o grau de adesão dos veículos à norma culta. Esses resultados sugerem que fatores extralinguísticos, como o perfil editorial e o público-alvo, influenciam a frequência da ênclise.

Andrade e Carneiro (2014), ao investigarem predicados complexos em textos dos séculos XIX e XX, observam que a colocação e a subida de clíticos no Português Brasileiro refletem um cenário de competição de gramáticas, no qual coexistem padrões conservadores e inovadores. De modo semelhante, Silva (2016), ao analisar atas mineiras do início do século XX, confirma a preferência pela próclise e demonstra que a variação é condicionada principalmente por fatores estruturais, como o tipo de oração e a natureza dos constituintes que antecedem o verbo.

A COLOCAÇÃO PRONOMINAL EM VARIEDADES AFRICANAS DO PORTUGUÊS

As pesquisas sobre variedades africanas do Português têm demonstrado que a colocação pronominal também se organiza como uma regra variável, condicionada por fatores linguísticos, extralinguísticos e sócio-históricos, em consonância com os pressupostos da Sociolinguística Variacionista (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]). Esses estudos indicam que as variedades africanas apresentam padrões próprios de ordenação dos clíticos, os quais devem ser compreendidos à luz de seus contextos de contato linguístico, políticas educacionais e processos históricos de difusão do Português.

No Português falado em Luanda, Silva (2022) identifica uma predominância da próclise em lexias verbais simples, embora a alternância com a ênclise permaneça produtiva. Os resultados indicam que fatores sintáticos, como a presença de partículas de negação e a estrutura das orações, exercem influência significativa na ordenação pronominal.

No caso do Português Moçambicano, estudos como os de Vieira (2002), Mapasse (2005) e Caetano e Vieira (2021), apontam para um quadro de variação entre próclise e ênclise tanto na oralidade quanto na escrita. Embora a próclise apresente maior frequência em diversos contextos, os pesquisadores constatam também a ocorrência sistemática da ênclise, inclusive em ambientes tradicionalmente considerados proclisadores. Esses resultados sugerem que o sistema de

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

colocação pronominal no Português Moçambicano encontra-se em processo de reorganização, influenciado por fatores linguísticos e socioculturais.

Diante do exposto, em suma, podemos afirmar, com relação à colocação pronominal, que as abordagens teóricas sobre a colocação pronominal apresentam um contraste entre a tradição gramatical normativa e as perspectivas descritivas e variacionistas. Enquanto as gramáticas tradicionais privilegiam regras da norma culta e atribuem à ênclise o estatuto de posição básica, os estudos descritivos compreendem a colocação dos clíticos como um fenômeno variável, condicionado por fatores linguísticos, históricos e socioculturais. Em seguida a essa compração entre a Tradição Gramatical e as abordagens de natureza linguística, apresentamos resultados de pesquisas empíricas em diferentes variedades do Português Europeu, do Português Brasileiro e do Português em países africanos, demonstrando que a alternância entre próclise e ênclise constitui uma regra variável, cuja realização depende do contexto sintático e das particularidades históricas e sociais de cada variedade.

À luz desses estudos, a colocação pronominal é compreendida neste trabalho como um fenômeno variável, condicionado por fatores linguísticos e extralinguísticos. Assim, na análise do *corpus* moçambicano, são consideradas variáveis como o tipo de oração, a presença de elementos que antecedem o verbo, o modo e a forma verbal, o tipo de clítico e fatores sociolinguísticos dos participantes.

PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

No contexto moçambicano[4], o *corpus* da pesquisa é constituído por 20 (vinte) produções de alunos do Ensino Médio, sendo 10 (dez) orais e 10 (dez) escritas, provenientes da Escola Secundária Geral do 1° e 2° ciclos de Mocuba (Mocuba-Zambézia-Moçambique). Os participantes foram selecionados entre alunos do último ano do ensino médio, com idades entre 15 e 18 anos, assegurando-se equilíbrio quanto ao sexo.

As produções orais foram obtidas por meio de entrevistas gravadas em ambiente escolar, com duração variável, conduzidas com perguntas abertas que buscavam estimular a fala espontânea dos participantes. Posteriormente, as entrevistas foram transcritas pela pesquisadora preservando características da oralidade, como pausas, hesitações e repetições. As produções escritas correspondem a redações realizadas em sala de aula, sob condições controladas e com o mesmo tema proposto aos participantes.

Para a análise, foram consideradas as ocorrências de verbos finitos em lexias verbais simples, examinando-se a variação entre próclise e ênclise. Os dados foram analisados a partir de

[4] Conforme mencionado anteriormente, esta pesquisa é um recorte da dissertação "Variação da ênclise e próclise em textos orais e escritos produzidos por alunos do ensino médio em aulas de língua portuguesa em Moçambique e no Brasil", de Maimeri Carlos de Morais (PPGLin/UESB), sob a orientação da Prof.ª Drª Valéria Viana Sousa (PPGLin/UESB).

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

fatores linguísticos, como tipo de oração, elementos que antecedem o verbo, modo e forma verbal e tipo de clítico e de fatores extralinguísticos relacionados ao perfil dos participantes.

ANÁLISE DE DADOS

Nesta seção, apresenta-se a análise dos dados obtidos na pesquisa, organizada de modo a evidenciar a distribuição das variantes de colocação pronominal em diferentes contextos de uso. A análise será desenvolvida com o apoio de exemplos ilustrativos e tabelas quantitativas, que permitem visualizar os resultados e interpretar os condicionamentos linguísticos e extralinguísticos observados. Inicialmente, serão examinados os dados referentes a uma modalidade, seguida da análise da outra modalidade, conforme a organização metodológica adotada neste trabalho.

No *corpus* moçambicano, observamos o predomínio da próclise tanto nas produções orais quanto nas escritas. Nos textos orais, foram registradas 238 (duzentas e trinta e oito) ocorrências de clíticos pronominais, das quais 227 (95,4%) correspondem à próclise e apenas 11 (4,6%) à ênclise. Já nos textos escritos, foram identificados 66 (sessenta e seis) ocorrências, sendo 52 (78,8%) de próclise e 14 (21,2%) de ênclise. Vejamos os dados dos textos orais apresentados na Tabela 01.

Tabela 1. Distribuição geral dos resultados de ênclise e próclise nos textos orais moçambicanos

Variante	Aplicação/total	%
Ênclise	11/238	4,6
Próclise	227/238	95,4

Fonte: Elaboração própria.

A análise dos textos orais de alunos moçambicanos do Ensino Médio revela uma predominância quase absoluta da próclise, com uso residual da ênclise, indicando que a colocação pronominal pós-verbal é pouco natural na fala cotidiana desses estudantes. Em comparação com estudos anteriores, mencionados neste artigo, verificamos que os resultados sugerem um padrão de uso caracterizado pela forte presença da próclise no Português Moçambicano: de uma forte presença da ênclise, conforme estudos de Vieira (2002); passando por um estágio intermediário em consonância aos resultados de Caetano (2018) e Caetano e Vieira (2021), até predominância da próclise no *corpus* investigado. Os resultados nesta pesquisa, dessa forma, aproximam-se de padrões observados em estudos recentes.

Alguns fatores gramaticais analisados, como a oração subordinada reduzida do gerúndio e do particípio, a conjunção integrante "se", o vocativo, outros pronomes relativos, o uso do "que" em estrutura clivada, bem como determinados elementos discursivos, não apresentaram nenhuma ocorrência no *corpus* investigado, por essa razão, não constam com resultados na análise.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Nos textos orais moçambicanos, a variável "tipo de oração" revela clara assimetria entre as duas variantes de colocação pronominal. Nas orações independentes, a próclise predominou com 81,2% (13/16), e nas orações coordenadas sindéticas, a próclise atingiu 85,7% (6/7). Já nas orações subordinadas finitas e na subordinada reduzida de infinitivo, a próclise foi categórica, sem registro de ênclise. Vejamos nos exemplos a seguir:

(01) Me lembro…**sim me lembro**, eu me lembro que minha mãe, né? Fazia umas tranças bonitas, quando eu cheguei aqui em casa, quase a maioria dos…aqui na escola…quase a maioria dos colegas estavam a elogiar…estás bonita…quem te trançou? (EFS-MTO)

(02) Quando procuramos resolver um problema, não indicamos primeiro quem é o culpado ou quem é que começou com esse problema, mas vamos ali resolver de um jeito que não haja mais conflitos, tipo entre as pessoas ou sentar e conversar seria o certo **e se pedissem** desculpas. (WBB-MTO)

(03) Já precisei sim, já houve pessoas **que se recusaram** a dar, porque não sei, não queriam, ou não queriam, mas, sim já aconteceu. (PLF-MTO)

(04) Agora depois do diálogo **se virar conflito**, qual é que será outra, eh…outra opção para resolver esse conflito que foi gerado através de um conflito que era para ser resolvido a partir do diálogo. (DF-MTO)

Apesar da predominância da próclise, observam-se ocorrências pontuais de variação na colocação pronominal, concentradas nas orações independentes (18,6% de ênclise) e nas coordenadas sindéticas (14,3%), conforme exemplos (05) e (06)

(05) Todo mundo me gozava, chegou a esfomeada, então eu me isolava, **escondia-me** na casa de banho na hora do lanche. (DF-MTO)

(06) Você processa a pessoa **ou traz-lhe** uma notificação. (SSJ-MTO)

A próclise apresenta comportamento amplamente categórico na presença de "elementos que antecedem o verbo", ocorrendo em 100% dos casos em posição inicial absoluta, com pronomes indefinidos e demonstrativos, partículas de negação, preposições, conjunções, *que* integrante e relativo, advérbios em *-mente* e elementos de foco:

(07) **Me lembro**, foi na 10ª classe, o professor de química, ele me elogiou, escreveu na minha prova, que tenho bons pensamentos, mas caligrafia feia, que devia melhorar a caligrafia. (RCS-MTO)

(08) **Outros se queixam** sem razão, se você tem um problema não precisa sempre se queixar. (RCS-MTO)

(09) **Isso me deixa** muito desconfortável. (SSJ-MTO)

(10) Acho que pessoa não gosta do que eu faço e quer me ver eu bem, **não me orgulhe** a fazer a mesma besteira. (GRI-MTO)

ISSN: 2675-6218 - RECIMA21
Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

(11) Primeira coisa é nascer numa família em que **somente me criaram** com mulheres, mas uma família onde as pessoas mais grandes dele que tomavam decisões eram as mulheres. (DF-MTO)

(12) Que a pessoa não está interessada **em me ouvir**, quer mais falar do que me ouvir. Entendo que essa pessoa não está interessada em me ouvir. (YLJ-MTO)

(13) Fiz questão de calar e não reagir, **mas me doeu** muito. (GRI-MTO)

(14) […]**ou me fez de bobo só**, mas eu ia ficar também um pouco chateado com ela, porque eu acho que já tinha me preparado para ir daí depois a pessoa não vir… (WBB-MTO)

(15) Já precisei de muita coisa **que me recusaram**, né…a emprestar ou oferecer. (EFS-MTO)

(16) Quando **alguém me pede** ajuda, quando **alguém me pede** ajuda, faço aquilo que é o certo, né…seria…seria ajudá-lo…rs, chegar a ajudá-lo ele. (WBB-MTO)

Também é fortemente majoritária com sujeito nominal (91,7%), sujeito pronominal pessoal (94,4%), advérbios simples (93,8%) e locuções adverbiais (75%):

(17) Aconteceu comigo, **os meus pais me** matricularam numa escola em que eu fui a aluno mais pobre da escola, todo mundo tinha lanche e eu não. (DF-MTO)

(18) Eu me sentiria muito mal. Eu não gosto disso, você combinar algo e **a pessoa se esquecer**, eu não gosto disso. (PLF-MTO)

(19) Por exemplo, se fosse só por emoção, **eu me sentiria** um pouco mal, só por ele

(20) Bom! Das pessoas que **sempre se queixam** da mesma coisa, eu acho que só elas falam isso só para coiso, irritar as pessoas. (ES-TO)

(21) Até tem vezes que…tem professores que são…tipo não são como os outros, tipo arrogantes, são muito simples, então eles **as vezes se aproveitam** deles para fazer indisciplina… (JJA-MTO)

A ênclise, por sua vez, é restrita a poucos contextos, ocorrendo apenas com sujeito nominal (8,3%), sujeito pronome pessoal (5,6%), advérbios simples (6,6%) e locuções adverbiais (25%), sem registros nos demais fatores, o que confirma a forte preferência pela próclise no Português Moçambicano oral:

(22) […] então tinham aquela de sorrir ela, assim pelos seus defeitos que eles notavam, eles achavam que existe um defeito nela, então, **a pessoa apercebia-se** daquilo, mas não tinha como falar… (WBB-MTO)

(23) Por favor amigo…ya! É o português que eu uso. Por favor, amigo, peço aquela coisa que **eu emprestei-te**…sim, é isso. (SSJ-MTO)

(24) Procuraria a pessoa, né? Principalmente ah…**depois lembrar-lhe** que esqueceste isso, por mais que tenha vontade de querer levar a coisa, hei de procurar a pessoa para poder entregar. (EFS-MTO)

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

(25) […] eles…até são…eles são uns bons colegas, **as vezes apoiam-se,** as vezes não se apoiam. (YLJ-MTO)

No que diz respeito à variável "modo e forma verbais", evidencia a forte predominância da próclise. No modo indicativo, a próclise correspondeu a 83% das ocorrências (44/53), enquanto a ênclise ocorreu em 17% (9/53):

(26) Eu sei que ela está a mentir e que eu não fiz isso, é da forma que eu reajo quando alguém **me mente** algo. (PLF-MTO)

(27) […] Vou falar de uma forma geral…né? Sim, eu acho que muita das vezes aqui em Mocuba, **divertem-se**, através de, de…rs…sim, tipo, vou falar na atualidade, né? sim…para nós jovens. (WBB-MTO)

No subjuntivo e no gerúndio, a próclise foi categórica (100%), sem registros de ênclise:

(28) Colega peço que **me devolva** minha caneta. (GRI-MTO)

(29) **Se ajudando** e também aconselhar que não possa se meter nos problemas e ajudar a resolver os problemas. (GRI-MTO)

No infinitivo, a próclise também se mostrou amplamente majoritária (95,2%), com apenas 4,8% de ênclise (3/63):

(30) Conselho que meu pai me deu foi: Não namorar, **se concentrar** com os estudos para que tenha um futuro melhor. Ele diz todos os dias. (PLF-MTO)

(31) Procuraria a pessoa, né? Principalmente ah…depois **lembrar-lhe** que esqueceste isso, por mais que tenha vontade de querer levar a coisa, hei de procurar a pessoa para poder entregar. (EFS-MTO)

A ênclise foi registrada de forma categórica apenas no imperativo (1/1), configurando um caso isolado.

(32) […] você processa a pessoa **ou traz-lhe** uma notificação. (SSJ-MTO)

Quanto à variável tipo de clítico, os dados dos textos orais moçambicanos mostram que a próclise é amplamente majoritária, ocorrendo com *me* em 97,8% dos casos (133/136), com *se* reflexivo em 97,3% (36/37), e de forma categórica com *nos* (100%). Também predomina com *te* (85,7%; 6/7) e com *lhe* (82,6%; 19/23):

(33) Fazer o possível para lhe ajudar, se…no estado em que eu **me encontro**, né… (PLF-MTO)

(34) Se o professor se comporta mal com os alunos, os alunos **se queixam** muito dos professores… (YLJ-MTI)

(35) […] porque se a primeira vez nos queixamos de alguma coisa, acredito que a pessoa com quem nós vamos lá **nos queixar**… (RCS-MTO)

(36) Por exemplo, se tua caneta acabou tinta na sala, uma colega se voluntaria para **te emprestar** a caneta. (PLF-MTO)

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

(37) […] por exemplo, quando você vê que estão na mesma disciplina, quando…você não fica com moral de **lhe aproximar.** (ES-MTO)

A ênclise, por sua vez, apresenta baixa frequência na maioria dos clíticos, ocorrendo com *me* (2,2%; 3/136), *se* reflexivo (2,7%; 1/37), *te* (14,3%; 1/7) e *lhe* (17,4%; 4/23), não se registrando casos com *nos*. A ênclise foi categórica apenas nas formas contraídas (100%; 2/2), configurando um contexto específico e residual:

(38) Ele **dizia-me**, estude…sim, porque amanhã será incentivo, dizia isso. (SSJ-MTO)

(39) […] eles…até são…eles são uns bons colegas, **as vezes apoiam-se**, as vezes não se apoiam. (YLJ-MTO)

(40) Por favor amigo…ya! É o português que eu uso. Por favor, amigo, peço aquela coisa que **eu emprestei-te**…sim, é isso. (SSJ-MTO)

(41) Ou se o problema é muito grave e você tem razão, já se foi no secretario e não deu bem, você processa a pessoa **ou traz-lhe** uma notificação. (SSJ-MTO)

(42) Quando alguém me pede ajuda, quando alguém me pede ajuda, faço aquilo que é o certo, né…seria…seria **ajudá-lo**…rs, chegar a **ajudá-lo** ele. (WBB-MTO)

Mutoba (2023) aponta a predominância categórica da próclise em músicas kizomba moçambicanas, sem registros de ênclise, inclusive em contextos sem elementos proclisadores, o que reforça a tendência proclítica. De modo convergente, os dados escritos moçambicanos desta pesquisa revelam predominância semicategórica da próclise e baixa ocorrência de ênclise. O diálogo entre os dois estudos mostra-se pertinente, ainda que o estudo realizado por Mutoba (2023) trate de um gênero musical, pois, em ambas as pesquisas, há a consideração de traços sintáticos da oralidade e da fala espontânea.

Passa-se, a seguir, à apresentação e análise dos resultados referentes aos textos escritos, com o objetivo de descrever o comportamento da colocação pronominal nesse conjunto de dados e verificar em que medida os padrões observados convergem ou divergem daqueles identificados nos textos orais. A análise considera os mesmos condicionadores linguísticos anteriormente discutidos, permitindo uma abordagem comparativa entre as duas modalidades.

Tabela 2. Distribuição geral dos resultados de ênclise e próclise nos textos escritos moçambicanos

Variante	Aplicação/total	%
Ênclise	14/66	21,2
Próclise	52/66	78,8

Fonte: Elaboração própria.

A Tabela 02 mostra que, nos textos escritos moçambicanos, a próclise é majoritária, enquanto a ênclise ocorre em menor proporção, indicando que, mesmo na escrita, há uma

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

preferência expressiva pela colocação pré-verbal, apesar da expectativa de maior adesão à norma-padrão.

Nos textos escritos moçambicanos, o "tipo de oração" mostra maior oscilação entre ênclise e próclise. A ênclise predomina nas orações independentes (60%) e é categórica na subordinada de gerúndio, enquanto há distribuição equilibrada nas coordenadas sindéticas e nas subordinadas reduzidas de infinitivo. Já nas subordinadas finitas, a próclise ocorre de forma categórica (100%):

(43) O ambiente escolar que devia ser um espaço de crescimento e desenvolvimento, **torna-se** um local onde o medo predomina. (FJS-MTE)

(44) Muitas vezes **as vítimas do *bullying* se sentem** incapazes de apresentar seu verdadeiro potencial. (FJS-MTE)

(45) Eles podem se arrepender de não terem falado sobre suas experiências antes, **sentindo-se culpados** por não terem conseguido se defender. (MMP-MTE)

(46) Além disso, incentivar as vítimas a **queixar-se** e buscar ajuda é essencial para criar um ambiente seguro e acolhedor. (CCD-MTE)

(47) […] O medo de ser intimidado pode levar os alunos a **se sentirem** ansiosos e distraídos durante as aulas resultando em notas baixas e desinteresse pelos estudos. (CCD-MTE)

(48) Eu vejo colegas sofrendo o *bullying,* tem colegas que não reagem a isso, principalmente aqueles **que se fazem** de inteligentes. (MARP-MTE)

Nos textos escritos moçambicanos, a variável "elementos que antecedem o verbo" evidencia ampla predominância da próclise, que ocorre de forma categórica na posição inicial absoluta, com sujeitos nominais e pronominais, pronomes indefinidos, partículas de negação, advérbios em *-mente*, preposições e com o pronome relativo *que*:

(49) É fundamental que todas, desde os educadores até os pais, **se unam** nessa luta, pois a mudança deve vir de todos os lados. (MGM-MTE)

(50) Principalmente ao olhar para as vítimas do bullying percebemos que **muitos jovens se sentem** isolados e desamparados. (MMC-MTE)

(51) **Eles se atrevem** a exercer poder sobre os outros, sem perceber que essa atitude pode refletir suas próprias fragilidades. (MGM-MTE)

(52) […] mas também promover um ambiente onde **todos se sintam** valorizados e respeitados. (CCD-MTE)

(53) Muitos jovens que praticam *bullying* muitas vezes **não se atrevem** a refletir sobre as consequências das suas ações. (CCD-MTE)

(54) Elas **frequentemente se sentem** zombadas e, em alguns casos, podem se atrever a se afastar do convívio social, buscando refúgio em lugares onde não são julgados. (FJS-MTE)

(55) Na geração que nos encontramos, fazemos *bullying* sem saber, machucamos os outros **sem nos importar** os professores também fazem *bullying* nos alunos falando mal do seu ser… (MARP-MTE)

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

(56) Nas escolas encontramos todo tipo de aluno, entre elas boas e má **que se aproveitam** com a inocência e humildade de alguns alunos… (NFS-MTE)

A variação entre ênclise e próclise aparece apenas com advérbios simples e locuções adverbiais, ambos com distribuição equilibrada (50%), e com conjunções coordenativas, em que a próclise é majoritária (66,7%):

(57) Arrependerem-se e pedirem perdão para as pessoas cometidas vítimas e **assim criar-se** um melhor ambiente de amizade entre os professores [...]. (NFS-MTE)

(58) O ambiente escolar que devia ser seguro e acolhedor **muitas vezes torna-se** um local de angústia e sofrimento para aqueles que sofrem com provocações. (NI-MTE)

(59) *Bullying* é todo ato de violência física ou psicológica internacional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente praticada por um individuo ou grupo de indivíduos contra uma ou mais pessoas com o objetivo de intimidá-la **ou agredi-la** causando dor ou angústia a vítima em uma pessoa. (CPV-MTE

A variável "modo e forma verbais" mostra predominância da próclise, sobretudo no indicativo (80%) e de forma categórica no subjuntivo (100%). No infinitivo, observa-se maior oscilação entre as variantes, com 61,9% de próclise e 38% de ênclise. Já no gerúndio, há distribuição equilibrada entre ênclise e próclise (50% cada), indicando contextos mais favoráveis à variação na modalidade escrita.

(60) As situações de *bullying* levam o jovem a sentir que ninguém **se importa** com o que ele está passando… (NI-MTE)

(16) O ambiente escolar que devia ser seguro e acolhedor muitas vezes **torna-se** um local de angústia e sofrimento para aqueles que sofrem com provocações. (NI-MTE)

(62) Essa raiva muitas vezes, é internalizada, fazendo com que o estudante **se afaste** dos amigos e da família. E até mesmo de atividades escolares. (NI-MTE)

(63) […] têm menos oportunidades de fazer amigos e **se desenvolverem** em um ambiente saudável. (PRJ-MTE)

(64) […] dando apoio **e mostrando-lhes** que não estão sozinhos e mostrando com somos fortes. (MARP-MTE)

Por fim, na variável "tipo de clítico", confirma-se a predominância da próclise com *te* e *nos*, ambos com ocorrência categórica (100%), e com *se* reflexivo, que apresenta 80% de próclise. O clítico *lhe* e a *forma contraída* registraram ênclise (100%), configurando um contexto específico e restrito de uso na escrita:

(65) Os colegas que praticam essas ações têm o objetivo de **te intimidar**, assustar e **te deixar triste**, eles ficam felizes com a discriminação do outro. (NFS-MTE)

(66) Na geração que nos encontramos, fazemos *bullying* sem saber, machucamos os outros sem **nos importar** os professores também fazem *bullying* nos alunos falando mal do seu ser… (MARP-MTE)

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

(67) Estudos mostram que muitos que sofrem *bullying* apresentam dificuldades em **se concentrar** nas aulas e acabam tirando notas baixas. (PRJ-MTE)

(68) Além disso, incentivar as vítimas a **queixar-se** e buscar ajuda é essencial para criar um ambiente seguro e acolhedor. (CCD-MTE)

(69) […] dando apoio e **mostrando-lhes** que não estão sozinhos e mostrando com somos fortes. (MARP-MTE)

(70) *Bullying* é todo ato de violência física ou psicológica internacional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente praticada por um individuo ou grupo de indivíduos contra uma ou mais pessoas com o objetivo de **intimidá-la** ou **agredi-la** causando dor ou angústia a vítima em uma pessoa. (CPV-MTE)

A predominância da próclise nos textos escritos moçambicanos aproxima-se dos resultados apresentados por Mapasse (2005), que também identifica ampla produtividade da posição pré-verbal nessa variedade. Esse paralelo permite situar os dados desta pesquisa no conjunto de estudos sobre a colocação pronominal no Português Moçambicano. Embora a escrita escolar apresente, em certos contextos, aproximações à norma europeia tradicionalmente associada à ênclise, os dados analisados indicam que a próclise permanece como a variante mais frequente no *corpus* investigado, enquanto a ênclise ocorre de forma mais restrita e em contextos específicos.

CONSIDERAÇÕES

Este estudo teve como objetivo descrever e analisar a variação na colocação dos pronomes clíticos no Português Moçambicano, a partir de dados orais e escritos produzidos por alunos do Ensino Médio, à luz da Sociolinguística Variacionista. Os resultados indicam, de forma consistente, o predomínio da próclise em ambas as modalidades, ainda que com graus distintos de categorização.

Nos textos orais analisados, a próclise mostrou-se amplamente predominante, correspondendo a 95,4% das ocorrências, enquanto a ênclise apresentou uso residual (4,6%), restrito a contextos específicos. Esse resultado indica forte produtividade da colocação pré-verbal na fala dos estudantes moçambicanos investigados. Em comparação com estudos anteriores sobre o Português Moçambicano, observamos que Vieira (2002) registrou maior presença da ênclise em determinados contextos, enquanto pesquisas mais recentes, como Caetano (2018) e Caetano e Vieira (2021), já apontaram para a predominância da próclise, ainda que em proporções mais equilibradas. Os dados desta pesquisa apresentam frequência ainda mais elevada da variante proclítica, o que sugere uma ampliação do uso da próclise nos *corpus* analisado. Esse comportamento aproxima-se também dos resultados de Mutoba (2023), que, ao analisar letras de músicas kizomba, identificou ocorrência categórica da próclise, reforçando a

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

forte preferência pela anteposição do clítico em diferentes práticas discursivas do Português Moçambicano. A análise dos fatores linguísticos indica que essa variante ocorre em diferentes contextos sintáticos, independentemente do tipo de oração, dos elementos que antecedem o verbo, do modo e da forma verbal ou do tipo de clítico, enquanto a ênclise permanece restrita a ambientes mais específicos no conjunto de dados investigado.

Nos textos escritos que compõem o nosso *corpus*, embora se observemos maior oscilação entre as variantes, a próclise também se mantém majoritária (78,8%), indicando que a escrita, mesmo sendo tradicionalmente mais conservadora e mais próxima da norma-padrão europeia, não reverte o padrão proclítico dominante. Com isso, a constatação é de que a ênclise surge de maneira mais frequente na escrita do que na oralidade, sobretudo em orações independentes e em contextos considerados neutros, mas há de se observar que sua expansão permanece limitada, não configurando um padrão alternativo consolidado.

Nos textos escritos produzidos pelos estudantes moçambicanos, a próclise também se mostrou predominante, indicando que a anteposição do clítico não se restringe à oralidade, mas se manifesta igualmente no contexto da escrita escolar. Esse resultado dialoga com a pesquisa de Mapasse (2005), que já havia apontado a preferência pela próclise no Português Moçambicano, independentemente do nível de escolarização dos falantes. Embora a escrita escolar possa favorecer maior aproximação com a norma prescritiva, que tradicionalmente privilegia a ênclise, os dados analisados indicam que a expansão dessa variante permanece limitada, ocorrendo apenas em contextos específicos, sem comprometer o padrão proclítico predominante no *corpus* investigado.

Ainda que os resultados apresentados contribuam para a compreensão da variação na colocação pronominal no Português Moçambicano em contexto escolar, é importante reconhecer algumas limitações desta pesquisa. O *corpus* analisado é relativamente restrito e concentra-se em produções de alunos de uma única escola da província da Zambézia, o que limita a possibilidade de generalização dos resultados para outras regiões do país. Nesse sentido, investigações futuras com *corpora* mais amplos, envolvendo diferentes contextos escolares e outras regiões de Moçambique, poderão aprofundar a compreensão dos padrões de uso da próclise e da ênclise nessa variedade do Português.

Os resultados deste artigo contribuem para a descrição empírica do Português Moçambicano contemporâneo, sublinhando que a colocação pronominal nessa variedade não pode ser adequadamente explicada apenas com base na norma europeia. Além disso, os achados reforçam a necessidade de incorporar a variação linguística ao ensino do Português em Moçambique, valorizando os padrões efetivamente utilizados pelos falantes e promovendo uma abordagem mais reflexiva, descritiva e inclusiva da língua.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. L. de; CARNEIRO, Z. de O. N. A posição e colocação dos clíticos em predicados complexos: o português brasileiro visto a partir de duas vertentes. **Filologia E Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 16, n. spe, p. 125-161, 2014. DOI: doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v16ispep125-161.

BAVO, N. A. C.; COELHO, O. A educação de populações indígenas em Moçambique: do período colonial ao início da era pós-independência. **Revista Brasileira de História da educação**, v. 22, e219, 2022. Disponvel em: https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/61634.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. [1928].

CAETANO, A. C. A.; VIEIRA, S. R. Análise Variacionista da Ordem dos Clíticos Pronominais no Português de Moçambique. **Diadorim.,** Rio de Janeiro, v. 23., n. 1, 2021. DOI: doi.org/10.35520/diadorim.2021.v23n1a39621.

CASTILHO, A. T. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.

CHIZIANE, P.; MARTINS, M. Ngoma Yethu: **O curandeiro e o novo testamento**. 2. Ed. Horizonte. Matiko Nandyala editora, 2018.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017. [1985].

GÓMEZ, M. **Educação moçambicana – história de um processo:** 1960-1984. Maputo, MZ: Livraria Universitária, 1999.

GONÇALVES, P. Panorama geral do Português de Moçambique. *In:* GONÇALVES, P. Revue Belge de Philologie et D'Histoire. **Langues et Littératures Modernes**, p. 977-990, 2001.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008. [1972].

MAPASSE, E. L. A. **Clíticos pronominais em português de Moçambique**. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2005.

MAZRUI, A. A. Introdução. *In:* MAZRUI, A. A.; WONDJI, C. (Org.). **História geral da África, VIII:** África desde 1935. Brasília: UNESCO, 2010.

MAZULA, B. **Educação, Cultura e Ideologia em Moçambique***:* 1975-1985. [S. l.]: Edições Afrontamento e Fundo Bibliográfico da Língua Portuguesa, 1995.

MUTOBA, B. O.; ALMEIDA, N. L. F. de. Análise variacionista do português de Moçambique a partir da música quizomba: O caso da pronominalização "Desviada" em ordem pronominal. **Macabéa**, p. 31-51, 2023.

NEVES, M. H. M. **A Gramática do Português Revelada em textos.** São Paulo: UNESP, 2018.

NGUNGA, A.; FAQUIR, O. G. **Padronização da ortografia de línguas moçambicanas**: Relatório do III seminário. Maputo: Centro de Estudos Africanos, 2012.

PEREIRA, Z. M. C. Os jesuítas em Moçambique. Aspetos de ação missionária portuguesa em contexto colonial (1941-1974). **Lusotopie,** p. 81-105, 2000.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

PERINI, M. A. **Gramática Descritiva do Português**. São Paulo: Ática, 2005.

PETERSON, M. S**. A ordem dos clíticos pronominais em lexias verbais e complexas em cartas de leitor:** uma contribuição Sociolinguística variacionista. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas- Língua Portuguesa) - faculdade de Letras- Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

PONSO, L. O estatuto do português e das línguas bantu moçambicanas, antes, durante e depois da luta pela independência da nação em 1975. **Linguagem: Estudos e Pesquisa**, Catalão, GO, p. 57-86, 2016.

ROCHA LIMA, C. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2011. [1972].

SILVA, M. C. A. **A colocação dos pronomes clíticos no português falado em Luanda-Angola:** um estudo sociolinguístico e sócio-histórico. 2022. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2022.

SILVA. N. F. A ordem dos clíticos em lexias verbais simples: uma análise sociolinguística em atas mineiras. **Calestroscópio,** Belo Horizonte, 2016. p. 366-375

TIMBANE, A. A. A. **Variação e a Mudança Lexical da Língua Portuguesa em Moçambique.** 2013. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2013.

VIEIRA, M. de F. **Ordem dos clíticos pronominais nas variedades urbanas europeia, brasileira e são-tomense**. 2016. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas- Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

VIEIRA, S. R. **Colocação Pronominal nas Variedades europeia, brasileira e moçambicana:** para a definição da natureza no clítico em Português. 2002. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006. [1968].

ZAMPARONI, V. D. **Entre naros e mulungos:** colonialismo e paisagem social em Lourenço Marques c1890-c1940. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. Disponível em: https://projetoceaa.com.br/pdfs/teses/zamparoni_valdemir_donizette_entre_narros_e_mulungos_colonialismo_e_paisagem_social_em_lourenco_marques_c_1890-c_1940_1998_doutorado-historia_social_usp_sao_paulo_brasil_1998.pdf.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.